

Encontro de antigos dirigentes associativos e serenata abriram festejos

Queima das Fitas leva alegria a Coimbra

JOÃO FONSECA

Sem saudosismos. Mas com memórias que explicam os seus diferentes tempos. Memórias que ajudam a acreditar que vivemos tempos de esperança, algumas dezenas de antigos dirigentes associativos da Academia de Coimbra encontraram-se, anteontem, há noite, na Cidade Universitária, em jantar de confraternização e de lançamento de uma medalha e de um livro comemorativos do primeiro centenário da Associação Académica de Coimbra (AAC), a maior associação estudantil do País.

A MEDALHA foi lançada, o livro não — os respectivos serviços da Academia não o conseguiram imprimir a tempo. Mas só faltam as capas e para a semana já existirá completo, para lembrar e mostrar como foram todos os cartazes da Queimas das Fitas que a Aca-

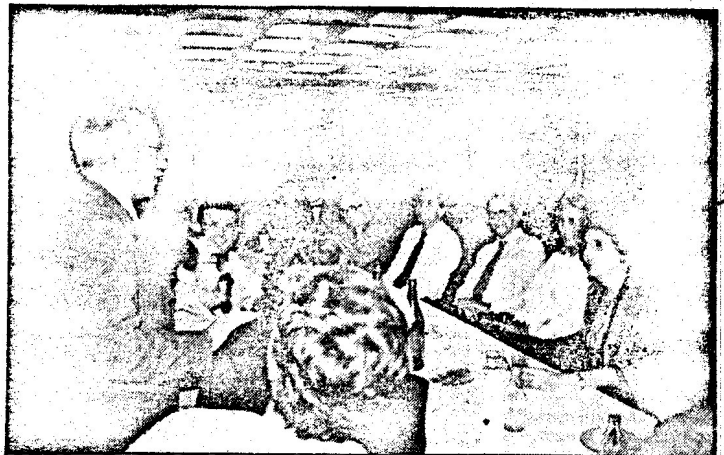
demia teve, a Universidade viveu, a cidade saudou.

A cantina das Químicas serviu, assim, para o lançamento que foi e para o que não foi e, sobretudo, para o jantar, para o reencontro de velhos companheiros, encontro de gerações diferentes e até distan-

tes, entre o presidente da AAC mais velho (António Macedo) e o mais novo, o actual (Benjamim Lousada). Todos ali reunidos porque todos antigos estudantes de Coimbra, «apanhados» por um «não sei quê, que se sente e não se consegue explicar e só quem foi ou é universitário dali consegue compreender». E também porque todos sentiram e viveram a vida académica em torno de pontos de referência comuns: a liberdade, a democracia, a fraternidade, a solidariedade, os valores, enfim, que justificam combates, explicam vidas.

Entre histórias e memórias, sem paternalismos ou invejas, aqueles antigos dirigentes associativos contaram este primeiro centenário da Academia, reivindicaram o já «criado» (em 1951) Museu Académico, rico e grande na sua história, pobre e pequeno nos seus documentos, enquanto assim armazenados, isolados, esquecidos.

António Macedo, Salgado Zenha, Mendes Silva, Romero de Magalhães, António Portugal, Manuel Dinis Jacinto, Santos Simões, Alberto Vilaça, António Arnaut, Sobraal Torres, Falcão Paredes, Pinto de Abreu, Eduardo Pereira, Eduardo Saraiva, Dinis da Silva, Manuel Machado, Luís Pais de Sousa, Ricardo Roque, Diogo Portugal e Paulo Barreto foram alguns dos presentes, estes e todos empenhados em assinalar o primeiro centenário da sua Academia, em festejar o seu 25 de Novembro — este o da «Tomada da Bastilha» este ano também dos cem anos da



Entre histórias e memórias, os antigos dirigentes associativos lembraram uma vida académica em torno de valores que justificam combates e explicam vidas

AAC e do grande encontro de seus antigos dirigentes que ali começaram a trabalhar desde logo para ele.

Largo da Sé Velha voltou a encher

O encontro de ex-dirigentes associativos de Coimbra foi a primeira iniciativa da «Queima» deste ano, que, no entanto, só abriu oficialmente à meia-noite, com a tradicional serenata monumental, no Largo da Sé Velha, que a RTP transmitiu em directo.

Como nos anos anteriores, a serenata cantou a «Coimbra» e os estudantes de há décadas, parecendo dar a ideia de que a canção e a música coimbrã chegaram aos anos 60 e morreram. Uma ex-

cepção no espectáculo terá querido confirmar a regra, mas a regra não é essa e aquele fado dos anos 70 só é mais um dos criados neste tempo tão próximo, quase actual. Os actuais intérpretes preferem, no entanto, o passado distante, voltam as costas ao futuro, fogem do presente.

O Largo da Sé Velha não deixou, no entanto, de ficar cheio, completamente cheio. Durante os 70 minutos da serenata, espectáculo sem palmas ou sapateado, umas e outro com boas razões para ali entrarem, não fora a rigidez da tradição, praxe que, porém, sobrevive aqui e ali, já morreu ali e acolá, o que não impede o Conselho de Veteranos de decretar o levantamento da «obrigatoriedade de

recoíher», coisa que os actuais estudantes de Coimbra nunca tiveram, nem mesmo os seus antecessores mais próximos.

De contradição em contradição, a Queima das Fitas vai acontecendo, fazendo festa e alegria, recreio e cultura, mas a inovação tarda, sem que uma única voz se levante e pergunte como é possível na maior e mais importante manifestação anual da canção de Coimbra ignorar-se Adriano ou Zeca — que não precisam de «homenagens» ou «minutos de silêncio», exigem tempos novos, gritos fortes, como cantaram e quiseram que os cantassem, mas não a síntese destas e outras contradições próprias da Academia de Coimbra tardam, o seu reencontro também.



António Macedo e Benjamim Lousada — o mais velho e o mais novo presidente da Associação Académica de Coimbra

Organização estudantil - Queima das Fitas